

Novembro

1896

nº 5

t. 3

# CANON...

( 1893 — 1895 )

A TITO VELLOZO.

Quem sabe, estes versos bizzarros conservam,  
— como immovel retina extincta e para a Luz,  
e para o Flagello, — a miragem de paiz longinquo...

Sabes tu ? — chamavam-se *Cactus*, estes versos.... E, hoje, — por um exotismo da Analyse,  
— t'os apresento eu como um *Canon...* do Nirvana....

## Preludio

I

Muza de olhos de Esmeralda,  
Muza formosa, encantadora e bella,  
Muza de loura trança,  
Mostra-me a negra, funebre grinalda,  
A polluida, marcida capella,  
Que Leonora cingio, quando creança.

Ha na minha alma um tacito poema  
De tormento cruel,  
De nefanda tortura ;  
Inda sangra o gilvaz da dor suprema,  
Lacerado a cinzel,  
Como um sol de loucura.

Ferio-me a toledana, conspurcada  
Na dextra das Imperias...  
Não mais a terna estrophe, delicada,  
Das crendices ethereas...  
Rola em meo peito uma illusão fanada  
Em bacchanaes funereas.



## 2

Muza do Azul, — castissima innocente, —  
Que sorris pela bocca das Estrellas,  
Desce á minha alma, piedosamente !...  
E que eu possa ainda vel-as,  
As minhas esperanças côr de rosa,  
Tão bellas, tão gentis,  
Como a canção de lagrima saudosa,  
— Barcarola de amor, —  
A boiar, a boiar no sidereo cariz  
Das auroras de Agosto,  
Insoffrido desgosto  
Que se transforma em purpurina flor,  
E perfuma a existencia envenenada  
De compassiva noiva inconsolada.

Eu fui noivo tambem,  
Eu tambem, celea Muza,  
A amphora profusa  
Tive de amor immaculado e puro ;  
Eu tambem vi sorrir, como a ninguem,  
O mais ledo futuro  
De ephemera existencia ;  
Eu tambem tive seio de innocencia  
Onde beber a lagrima da Vida ;  
Mas, como passa a Morte,  
Passou por mim a funebre cohorte  
Dos fallazes segredos ..  
E eu, que tive tanto sonho outrora,  
Tenho somente agora  
O sarcasmo cruel da Fé perdida,  
E o longo desalento dos Manfredos.

## 3

Era tão meiga a lyrial donzella,  
Branca — da flor dos linhos,  
Bella, — formosa e bella, —  
Como a canção suavissima dos ninhos.

Bella, — formosa e bella, —  
Como o luar das noites estrelladas...  
— Dor, que a Saudade estrélla,  
Onde a mesquita das visões amadas ?...



—Dor, que a Saudade estrélla,  
Onde o cariz de minhas alegrias?...  
Hoje o pezar constella  
O cemiterio das Melancholias.

Hoje o pezar constella  
Da Magoa insana os funebres caminhos...  
— Onde a tão meiga e lyrial donzella,  
Branca, — da flor dos linhos ?...

## 4

Muza, espósa o tristonho peregrino  
Que te incensa os altares ;  
Vibre em minha alma um psalmo vespertino  
De celestes luares ;  
Muza, espósa o tristonho peregrino  
Que te incensa os altares...

## 5

Estrellas, assisti a cerimonia !  
Caza-se a Poesia...  
Canta ao Luar a cythara da Ionia...  
Mas, porque, deosa da Melancholia,  
Choras, se a cerimonia  
Marca de amor tão venturoso dia ?...

Porque soluças, minha Noiva amada,  
Se tu mesma votaste ao esquecimento  
A limpida alvorada ?...  
Porque gemer, saudosa, esse lamento ?...  
Acaso te é defeza a fé sonhada  
Na mesquita feral do Soffrimento ?...

Vamos !... deixa passar a cerimonia !...  
Caza-se a Poesia...  
Canta ao Luar a cythara da Ionia...  
Estrellas, ensinae-lhe a melodia !...  
—Vamos, deixa passar a cerimonia,  
Saudosa deosa da Melancholia !



Mas, se, acaso, querida... (Que loucura !...  
 Ia contar-lhe minha magoa toda ;  
 E vel-a rir de novo, alegre e douda,  
 Sobre o esquite de minha desventura !... )

Olvida esse passado !...

Que alegria !...

Canta ao Luar a cythara da Ionia...  
 Caza-se a Poesia...

Vamos !... Deixa passar a cerimonia,  
 Saudosa estatua da Melancholia !...

# I

## Matinas

### 1

#### *Barcarola ao luar*

Brandos luares, — luar de neve, —  
 Serenamente,  
 Cahem sobre o lago, cahem muito leve,  
 Mimosamente...

Branças estrellas espiam rindo...  
 —Como são lindas !...  
 Flôres celestes que vão abrindo,  
 Flôres infindas !

Dorme o arvoredado junto das agoas,  
 Silencioso...  
 E as brisas dizem sentidas magoas...  
 —Como é formoso !...

Esse barquinho, preso da argola,  
 Desatraquemos ;  
 E, sobre o lago que o ceo viola,  
 Sombra, voguemos !...

Vamos, Querida, vamos de manso,  
 Rindo e cantando,  
 Movendo os remos, de manso e manso,  
 Dialogando...



Vamos, Formosa, vamos sorrindo,  
Gostosamente,  
Contar as flôres que vão abrindo  
Serenamente !...

Escute a Lua, pallida e fria,  
Nossa canção...  
Escute a Lua nossa alegria,  
Meo coração.

Escute a Lua nosso rimance  
De apaixonados !...  
Que a Lua avance, que a Lua avance,  
Ceos estrellados !...

Pouza a cabeça, que a Lua touca,  
Sobre meo peito ;  
E a tua bocca na minha bocca,  
Com todo geito !...

Amplexados, á luz da Lua,  
Leonor, durmamos ;  
Que a luz dos astros tambem fluctua  
Quando sonhamos !...

2

*Supplicas*

Anjo da Saudade, Lyrio meo tristonho,  
Deixa o Cemiterio, deixa a Solidão !...  
Doure o sol da Crença tão bembito sonho !...  
Doure o sol da Crença a nivea fronte calma !...  
—Lyrio da minha alma,  
Lyrio da minha alma,  
Abre á Virgem loura meo bemdito sonho,  
Fala á Virgem loura, terno Coração !...

—«Como te idolatro !» dize, Lyrio da alma !...  
—«Eu te adoro muito !» dize, Coração !...  
E que a Virgem sinta como a Vida é calma,  
Como a Vida é calma,  
Quando freme auroras nosso Coração.



Virgem branca e loura, Virgem tão formosa,  
Toma o Lyrio da alma, toma o Coração !...  
Cante-me aos ouvidos tua voz queixosa,  
Tua voz queixosa,  
Despertando os Echos desta solidão !...

Vôa aos pés da Virgem, anjo da Saudade !...  
Vôa aos pés da Virgem, terno Coração !...  
Abre o Lyrio da alma, beijo da Saudade,  
Deixa o Cemiterio, deixa a Solidão !...

—«Tu serás ditosa,» dize, Lyrio da alma !...  
—«Tu serás bemdita,» dize, Coração !...  
E que a Virgem sinta como a Vida é calma,  
Como a Vida é calma,  
Quando freme auroras nosso Coração.

Virgem branca e loura, dou-te almo Sacrario ;  
Virgem branca e loura, dou-te o Coração !  
Traz nos teos olhos terno alampadario,  
Traz esse roزاری de orações divinas !...  
Virgem branca e loura, traze-me as boninas  
De teu coração !...

Que o Luar escute lyras peregrinas,  
Despertando os Echos desta solidão !...

## 3

*Solidão*

Noiva, tão formosa, Noiva, tão querida,  
Mata-me a tristeza d'esta solidão ;  
Noiva, que levaste toda a minha vida,  
Noiva, tão formosa, Noiva, tão querida,  
Traz-me o sacrario de teu Coração.

Volta a Primavera povgando ninhos,  
Desabrocha á Lua rubicunda flor...  
Volta a Primavera... Chilram passarinhos...  
—Noiva, tão querida, faltam-me carinhos,  
E os primeiros beijos do primeiro amor.



Noiva, tão formosa, Noiva idolatrada,  
Que me vês tristonho, que me vês chorar,  
Volta novamente, minha Noiva amada ;  
Noiva, tão formosa, Noiva idolatrada,  
Sinto a longa ausencia de teu doce olhar.

- Volta a Primavera povoando ninhos...  
Traz-me o Sacrario de teu coração ! ..  
Volta a Primavera... Chilram passarinhos...  
—Noiva, tão querida, traze os teos carinhos,  
Pois é muito acerba minha solidão !...

4

Nocturno

Mysticas sombras vaporosas,  
A' luz da Lua peregrina,  
Vão perpassando, langorosas,  
Sobre a lagòa crystallina.

Sombra de nimbos alvos, brancos,  
Da alvura casta do algodão,  
Cinge o Luar aos niveos flancos,  
Como a saudoso coração.

Franças de arbustos ciciantes  
Erguem no espaço a còma ondeada...  
E as Brisas passam soluçantes  
Na fria lympha immaculada...

E os tristes vultos dos Cyprestes  
Ao longe fremem, solitarios,  
Fitando os páramos celestes  
E os sempiternos Sanctuarios.

Molham os dedos na lagòa  
Os Salgueirões adormecidos...  
E minha lyra hymnos entoa  
Aos seios teos, sempre queridos !...

Nocturna muzica dos Astros,  
Prece nocturna de Elementos...  
—Verme, eu tambem rezo, de rastros,  
Beijando o pó dos Soffrimentos !...



## 5

*Luar*

Noite encantadora, noite muito calma...  
 Vae rolando a Lua pelo ceo azul...  
 — Minha Noiva amada, vida da minha alma,  
 Porque choras tanto pela noite calma ?...  
 Porque choras tanto sob o ceo azul ?...

Olham-te as estrellas piedosamente...  
 Nas estrellas mansas fitas triste olhar...  
 — Minha Noiva amada, que pezar pungente  
 No teu seio chora merencoriamente,  
 No teu seio geme sem te consolar ?...

A minha alma é triste como um cemiterio...  
 Como um cemiterio, toda glacial...  
 — Minha Noiva amada, que luar funereo  
 Sudariza as rosas do jardim sidereo,  
 Sudariza os lyrios do paiz natal ?...

Esse amargo pranto, minha Noiva amada,  
 Mata as esperanças de illusão feliz...  
 — Porque choras tanto, minha Noiva amada ?...  
 — Como estás saudosa, como estás magoada,  
 Sem as esperanças de illusão feliz !...

Abre-me teos braços, minha Noiva amada,  
 Abre-me teos braços meu bemdito amor !...  
 Cante na tua alma limpida alvorada !...  
 — Meu bemdito archanjo, minha Noiva amada,  
 Veste as brancas vestes do luar do Amor !...

## II

**Dies Irae**

## 1

*Blasphemias*

Abantesma cruel, volta á lura do nada !...  
 Ninguem ha que palmilhe o coração do poeta !...  
 A aurora da existencia é sempre ensanguentada,  
 A muza do sepulchro é sempre analphabeta.



Que importa o desespero, a maldição que importa,  
Se a innocencia e o perdão vão resvalar no crime ?  
A larva profaniza a virgindade morta ;  
E nem sempre a paixão enaltece e redime.

Eu tive o coração aberto ás esperanças,  
Tinha uma alma a cantar nos roseirões da Crença ;  
E os espinhos da flor transformaram-se em lanças,  
E a mulher que adorei me lavrou a sentença.

Do soturno tugurio, onde vivo exilado,  
Vejo-a ás vezes, passar, indifferente e bella,  
Calcando sob os pés um coração magoado,  
Cingindo altivamente immarcida capella.

E sobe-me á lembrança o vinho capitoso  
Dos osculos de amor das ultimas orgias,  
Quando, ardente e brutal, desmaiavas de goso,  
E, a bocca sobre a minha, olhavas-me e sorrias...

Era a alma de Satan agindo sobre a tua...  
Era Judas beijando o louro Nazareno...  
Na sordida cabeça um resplendor de lua,  
Os labios sensuaes caçoulas de veneno.

Immunda, infame e vil !... Hei de calcar-te ás plantas,  
Hei de cingir-te os rins de infecundos cilícios,  
Vespa, — que tens no olhar a meiguice das sanctas,  
E no agudo ferrão lancinantes supplicios !...

Serpe, — rastejarás sobre o pó das torpezas,  
Mordiscarás, gemendo, o lodo dos paúes,  
E descerás ao cahos das ultimas baixezas,  
Offerecendo ao Vicio os lassos membros nús !...

E eu rirei !... Eu rirei !... A gargalhada insana  
Da ultima blasphemia e da ultima loucura  
Espocará tremenda, insolita, profana,  
Extremunhando o Ceo, desafiando a Altura.



*Loucuras*

Larva, asquerosa e audaz — que pretendes do Espectro?  
Crês, acaso, que o bardo as garras tem do abutre?  
— Bebe a sanie do Amor, banquetea-te e nutre;  
Não subirás ao ceo amplexada a meo plectro!

Não subirás ao ceo!... As larvas não teem azas!...  
Chafurdarás no lôdo e na devassidão.  
— Lucrecia dos bordeis, a pyra em que te abrazas  
Não arde sob o altar do supremo perdão!...

Não venhas repouzar-te á sombra de meo verso;  
Volve ao gôzo fugaz, volve ao cahos da espelunca!...  
Empolga, — Meretriz, — em tua garra adunca  
A luxuria que assombra e envenena o Universo.

Vae!... Eu não calcarei a vibora importuna  
Que babujou de infamia as alvas sacrosantas;  
O sacrario do Amor inda conserva uma urna:  
— Para o pranto das mães e as lagrimas das sanctas.

O luar do Perdão inda brilha no Occaso,  
Inda brilha no Occaso o luar da Indulgencia...  
Vae! que a sombra do Mal profaniza a Innocencia,  
— Tenha embora a Innocencia o ergastulo de um vaso

Construido por Deos no calice de um lyrio  
Alvo, ethereo, aromal, immaculo e subtil, —  
Pois a alma de Satan reverbera o delirio  
E as sordicias fataes de uma mulher tão vil.

Hoje, ha entre nós dous o espaço de um abysmo....  
Repugnam-me os reptis e os estelios sem pejo.  
— Monstro do amor perverso, enoja-me o desejo  
Que te infiltram no corpo a Luxuria e o Cynismo.

De bordel em bordel, arrastarás o manto  
De tua sordidez satanica e lethal;  
E não terás, sequer, a esportula do pranto,  
Quando a sanie roer-te o corpo esculptural.



Invocarás o Ceo, — o austero ceo antigo...  
Debalde !... O desespero ha de morder-te a bocca !...  
E descerás, então, — vencida, hereje e louca, —  
A' pyxide feral do silente jazigo.

Larva hysterica e audaz, — os incubos do Nada  
Hão de te penetrar no thalamo de argila ;  
E as carnes que beijeí não terão alvorada  
Na perenne mansão que dissolve e anniquila.

## 3

*Récua ignobil*

Vós todos que illudis o amor sadio e nobre,  
Verdugos da Illusão, da Crença e da Alegria,  
E tatalaes na Treva a palpebra sombria,  
Como sino que bate um funerario dobre ;

Nyctalopes feraes, almas feitas de cobre,  
Récua asquerosa e má, caterva doentia,  
Babujae ao luar a torpe villania,  
Embora o Coração vossa ignominia exprobre.

E tu tambem, Leonor, que não tens o heroismo  
Que nos transporta ao Ceo nas azas do Supplicio,  
Recebe a sagração de sordido baptismo !...

Espoja-te no pó da lisonja barata...  
E que o Inferno te influxe iniquo maleficio,  
Serpe estrabicae audaz, serpe que morde e mata.

## 4

*Sordicia da Larva*

Infame !... Vens colher o lyrio da Indulgencia,  
Tendo ainda nas mãos vestigios de teu crime !...  
Cobarde !... que enlutaste o lotus da Innocencia,  
Temendo a expiação que enaltece e redime !...

Compaixão ! para ti ?... Compaixão, larva ignobil ?...  
—Hysterica idiota, onde vaes que não pensas ? !...  
A justiça do Ceo não é facil nem mobil...  
O Orgulho tambem dita implacaveis sentenças...



Compaixão !... para ti ?... Quem te allega o direito  
De subires do Lodo á celagem da Scisma ?  
Inda sangra a incisão que fizeste em meo peito,  
E em minha alma o pezar se amalgama e se abysma.

Eu era triste e só,—como o goivo que medra  
Na silente mansão do Mystério e da Sombra...  
—Porque foste arrancar-me á cafurna de pedra ?  
—Porque me déste o arminho aromal de uma alfombra ?

Derramaste em minha alma um balsamo divino,  
Me aprendeste o missal de tua seducção...  
—Quem pode recalcar as urzes do Destino ?...  
—Quem pode governar o esquife Coração ?...

Segui-te, acompanhei-te as pégadas e os cantos ;  
Em teos seios de opala a fronte reclinei...  
—Porque o virus lançaste á pyxide de prantos  
Que, por ti, gotta a gotta, ao luar destillei ?...

—Porque a estrophe do beijo algemaste ao psalterio  
Da saudade que mirra e murchece a Esperança,  
E foste edificar soberbo phalansterio,  
Fechado a nosso amor e a nossa confiança ?...

Larva,— a estrada da Morte é uma e sempre a mesma.  
E' uma e sempre a mesma a ephialta do Tédio...  
Que me importa o estertor, de um anjo ou de uma lesma,  
Se o Anjo e a Lesma do Amor teem um só epicedio ?

Rechina maldições o fremito das settas  
Que se cravam no altar das morbidas Lisonjas...  
Tu ceifas a illusão e a crença dos poetas,  
Eu recolho a tristeza e a saudade das monjas.

Vae, Charonte do Amor,—barqueiro da Luxuria,—  
Voga o Styngge da Infamia ; abre, ao luar da Noite,  
O teu seio aromal de messalina espuria,  
Onde o Vicio blasphema e a Raiva pede acoite.

Abre o seio aromal á sordicia do Incubo !...  
O gilvaz do despeito accenda-se em teu rosto !...  
E eu veja apodrecer esse asqueroso adubo  
Que foi outrora a flor de alva manhan de Agosto.



Vae !... Nem venhas gemer no leito mortuario  
O requiem da Paixão e do Arrependimento...  
Findei minha missão, subi ao meo Calvario...  
—Abra o caule de treva a flor do Esquecimento.

## 5

*Apotheose do Espectro*

A Justiça começa á beira do sepulchro,  
Haja equidade ou não nos tribunaes humanos ;  
E a Morte é sempre o casto e poderoso fulcro  
Onde se vae partir o sceptro dos tyrannos.

Irás, pallida e só, —larva nevrotisada  
Pelo amor sensual de satyro lascivo,  
Mostrando ao ceo azul a face desbotada  
E a ecchymose senil do coração captivo.

Os nimbos velarão o rosto das Estrellas,  
— Maledicta encarnação de excelsa formosura,  
Para que o teo olhar não possa corrompel-as,  
Nem clareie o luar a pestilente lura

De tua alma hedionda e roida de inveja,  
Foco de todo mal, foco de toda pena,  
Onde o Crime escabuja e a Injuria rumoreja,  
Quando a monja do Amor as luxurias condemna.

Teo corpo escorrerá nojento pús infecto,  
Horrorisando o Abutre e envenenando o Verme ;  
E não terás, sequer, o sudario discreto  
Com que a Terra amortalha o Lyrio e o Pachyderme.

Teo rubro coração, por cem boccas maledictas,  
Uivará tristemente o requiem das Imperias...  
Imprecarás debalde as meigas cenobyas :  
— O coxo não sobe ás regiões ethereas.

Banida sejas tu em toda a natureza !...  
Sigam-te maldições o cortejo macabro !...  
Os pythons da Irrisão mordam-te com fereza  
O seio immundo, a bocca infame, o craneo glabro !...



Eu sobirei ao Ceo nas azas da Saudade,  
As Estrellas virão me ensinar o caminho...  
E as urzes que plantei na acerba soledade  
Rescenderão a incenso, a nardo e a rosmaninho.

As lagrimas de amor que arrancaste á Innocencia  
Se crystallizarão nas ambulas dos Astros ;  
E, do càule aromal de minha omnipotencia,  
Ver-te-hei a soluçar, caminhando de rastros.

Ver-te-hei a soluçar, desamparada e louca,  
A' Noite supplicando a treva protectora,  
As pequeninas mãos batendo sobre a bocca,  
Humilde, arrependida, exangue, soffredora !...

## III

**Angelus**

## 1

*Funebre*

Pelo cemiterio que silencio triste,  
Que silencio triste !... que desolação !...  
Pelo cemiterio... quanta magoa existe !...  
Que saudade enorme !... que silencio triste !...  
Que silencio triste !... que desolação !

Olham os sepulchros para o ceo sereno...  
Pelo ceo sereno que formoso azul !...  
Os Cyprestes gemem soluçado threno...  
Pois se eleva a prece para o ceo sereno,  
Suba, embora, a prece de lethal paul.

Brilham as Estrellas merencoriamente...  
Merencoriamente... Que saudade atroz !...  
Brilham as Estrellas, pois a estrella sente :  
Alma de finados, merencoriamente  
Contemplando a Terra... — Que supplicio atroz !

E os sepulchros dormem pelo cemiterio...  
Pelo cemiterio, que desolação !...  
— Mortos, quem vos olha do paiz ethereo ?  
— Mortos, quem, com vosco, pelo cemiterio,  
Reza as elegias da Recordação ?



Dorme, dorme, dorme sob a fria lousa !...  
Sob a fria lousa quem te pode ver ?  
Dorme, dorme, dorme, — nivea mariposa ;—  
Dorme dorme, dorme sob a fria lousa,  
Alma torturada que não pode crer !...

Não perturba aos mortos o silencio triste...  
Não perturba aos mortos a desolação !...  
E' que para os mortos nunca mais existe  
A saudade austera do silencio triste,  
O silencio triste da Recordação.

## 2

*Infancia*

Mystica aurora da existencia,  
Mysticas flôres virginaes,  
Porque a illusão da adolescencia  
Quebra a caçoula da innocencia  
De vossas *Tintas* joviaes ?

Porque o sorrir da juventude  
Não tem as vossas melodias ?  
Que voz soturna a do alaude,  
Quando approxima a latitude  
Das fementidas alegrias !...

Ó tarantulas da Saudade,  
Porque teceis as vossas teias ?  
Quem vos conduz, ó Mocidade,  
Ao frio pólo da orphandade  
E vos infiltra a dor nas veias ?

Quem vos ensina a dor magoada  
Das afflictivas orações ?  
E vos aponta a inerte ossada  
De alma illusão jamais gozada,  
Sempre a echoar nos corações ?



Porque a tristeza o mundo habita  
E existe a dor,— sempre fatal ?  
Ó coração, que não palpita,  
Que força estranha ainda te agita  
Em tua noite sepulchral ?

Alegre Infancia descuidosa,  
Sempre a sorrir, sempre a folgar,  
A vida é longa e trabalhosa...  
— Fugi á teia monstruosa  
Das tarantulas do Pesar !...

Ó minha infancia conspurcada,  
Como vos choro,— alma da Vida !  
E' sempre sancta a dor magoada.  
E' sempre sancta a inerte ossada  
Das illusões, da fé perdida.

## 3

*Flor de lotus*

Deixa rolar a vaga cerula  
De tua infancia amenidosa.  
—Alma da infancia,—alma de perola !—  
Deixa rolar a vaga cerula  
De minha estrophe nemorosa.

Que o bardo cante a primavera  
Da flor do lotus da Innocencia.  
Que o bardo cante a azul chimera  
— O' flor azul, ó primavera,  
Sonho auroral da adolescencia !

—O' flor do lotus, delicada,  
Siderea effigie da Candura,  
Perfuma a rubida alvorada  
De uma existencia delicada,  
O' flor do lotus, casta e pura !



Perfuma o tramite florido  
De uma phalena encantadora.  
—Eil-a que passa, o anjo querido !...  
Perfuma o tramite florido  
Dessa creança meiga e loura.

Vaes, minha irman, vaes, minha amiga,  
Que eu vi creança nos meos braços ;  
Vaes para o Azul... Que o Azul bemdiga  
A minha irman, a minha amiga !  
—Sombra—eu te sigo os leves passos.

Sombra—eu te sigo a trajectoria,  
Alma que vaes para a Illusão !  
Eu, —pobre larva transitoria,—  
Vou para a Treva merencoria,  
Apunhalado o coração.

E' que eu não tenho, irman formosa,  
Os hostiarios da Alegria ;  
E' que o Infortunio,—alma extremosa,  
Nyctalopiza a branca rosa  
Do horto aromal da Poesia.

Conheço a Dor, conheço o Luto,  
E a Magoa sempre me acompanha.  
—Treva fatal em que labuto,  
Porque esta dor e o tanto luto,  
Se a alma do bardo ao crime é extranha ?

.. .. .

Vae, minha irman, flor de innocencia !  
Que o loto azul, da azul chimera,  
Perfume a tua adolescencia ;  
E seja eterna a primavera  
Da primavera da existencia.



## 4

*Astros sepulchros*

Astros do Azul, mysteriosos,  
Que inda luzis, que inda brilhaes,  
Quantos de vós, silenciosos,  
Brancos sepulchros luminosos,  
Não viveis mais !

Quantos de vós, algentes, frios,  
Inda rolaes pela Amplidão !  
Quantos de vós, astros vassios,  
Pelos espaços, tão sombrios,  
Levaes o morto coração !...

Como a Tristeza invade o mundo !..  
O ceo tambem conhece a Dor...  
— E tu tambem vaes moribundo,  
Astro da Crença, não fecundo ;  
Astro da Crença... astro do Amor...

E tu tambem vaes soluçando  
O teu passado angelical.  
E vaes rolando, e vaes rolando,  
Martyr de amor falso, execrando,  
Pelo Infinito glacial !...

Triste luar da Desventura  
Mostra-me a senda do porvir ;  
E sigo só, na noite escura,  
Tendo no peito a sepultura  
Que o meu amor fez construir.

O coração tambem fenece,  
Sinta-se embora o peito arfar...  
— Que vale a Dor, que vale a Prece,  
Quando a Esperança desfallece,  
Quando a Memoria faz penar ?

Astros do Azul, mysteriosos,  
Que inda luzis, que inda brilhaes,  
Quantos de vós, silenciosos,  
Brancos sepulchros luminosos,  
Não viveis mais !



Eu tambem tive a força etherea  
Das invenciveis attrações.  
Mas, hoje, as neves da Siberia  
Cobrem de morte a luz siderea  
De minhas pulchras orações.

Hoje, a saudade que estiola  
Ferio de morte o menestrel;  
Tudo que o cerca o desconsola,  
E mais e mais, — monge, — se isola  
Em sua angustia a mais cruel.

Só me alimenta e me conforta  
Saber que á paz do maosoleo  
Nada perturba!... E a crença morta  
Irá bater á mesma porta,  
Irá, talvez, dormir no Ceo.

Porque cantar, alma sombria?  
Não tem ouvido a Ingratidão...  
Cala essa voz!... A noite é fria!...  
Não remanesce a Poesia  
Nas saturnaes do Coração!...

Astros do Azul, da fé perdida,  
De meo passado angelical,  
Porque luzir, se é morta a vida?  
Lavae a luz dessa ferida,  
Que a luz da morte inda é fatal.

Astros do Azul, mysteriosos,  
Que inda luzis, que inda brilhaes,  
Porque luzir, silenciosos?  
— Brancos sepulchros luminosos,  
Não luzi mais!

§

### *Espectro mystico*

Ternos Artistas merencorios,  
Que dor fatal vos dilacera?....  
Os ideaes são transitorios,  
Ternos Artistas merencorios  
Que vos fanaes na primavera!



Os corações são cenotaphios,  
Ankylozados de illusões...  
Que valem tristes epitaphios ?  
Ruí, vetustos cenotaphios !...  
Ruí, funestos corações !...

Que vale o riso das creanças ?  
A infância tem senilidade...  
O' fementidas esperanças !  
Que vale o riso das creanças,  
Meigos Levitas da saudade ?

Que vale o beijo das mulheres ?  
Que vale a taça de uma bocca ?  
Reminiscencia, o que me queres ?  
Que vale o beijo das mulheres,  
Se a amante é sempre ou falsa ou louca ?

Ternos Artistas soffredores,  
A vossa dor quem comprehende ?  
Quem vos entende, ó sonhadores ?  
Ternos Artistas soffredores,  
Quem vos comprehende ou vos entende ?

Só vos estreita a sepultura,  
Sómente a morte vos estreita !  
Que amante existe, casta ou impura,  
Que vos liberte á sepultura  
E seja eterno a vossa eleita ?

Morrei, Artistas merencorios,  
Anachoretas da Illusão !...  
Os ideaes são transitorios...  
Ternos Artistas merencorios,  
Amortalhae o coração !...

Só vos estreita a sepultura...  
Que vale a vida acerba e triste ?  
Fitae o olhar na excelsa altura,  
Voae, voae á excelsa altura !

Na paz da Morte o ceo existe !



# LE DADA...

## I

M.<sup>me</sup> Randeau, la femme du vieux capitaine Randeau, se trouvait dans toute sa rayonnante maturité de brune méridionale, hâlée par le vigoureux soleil du pays, Béziers. Dans sa grâce nonchalante, pleine de sous-entendus, elle reposait en ce moment dans son petit boudoir, capricieusement orné, ayant un peu le goût du clinquant, des objets de bazar, mais après tout très gentil et bien rempli de son charme exquis de personne mûre pour toutes les joies et toutes les séductions de l'amour expérimenté.

On voyait à l'irritation de ses yeux noirs, à l'inattention qu'elle donnait à tous ces actes, que quelque chose la contrariait aux regards furtifs qu'elle dirigeait sur la porte, aux lourdes draperies, on pouvait deviner qu'elle attendait quelqu'un et que ce quelqu'un se faisait attendre.

Après avoir ouvert un volume elle le rejetta presque aussitôt; prit un journal, le parcourut distraite en regardant toujours la portière où ne se montrait pas encore l'être si ardemment désiré.

D'un bond elle se leva, impatientée déjà du retard, lorsque surnoisement apparut à la porte, sans le moindre bruit, comme une apparition de théâtre, le blond petit Chévert, un avorton comique, infirme, l'air d'un insecte écrasé par la patte puissante d'un animal préhistorique.

M.<sup>me</sup> Randeau lui sauta au cou avec de maternelles caresses, faisant ployer sous le poids de sa tendresse triomphante le corps frêle, difforme, de son *Dada*, comme elle le nommait dans leur intimité.

Ce Chévert était un petit jeune homme gâteux, ayant toutes les maladies dans son corps d'avorton; détraqué d'esprit, excessivement blasé de la vie qu'il n'était jamais arrivé à comprendre étant né aussi infirme et impotente qu'un vieillard.

Et c'était là la passion terrible de M.<sup>me</sup> Randeau, l'être sans lequel elle ne pouvait pas vivre deux jours, son *Dada* chéri et choyé.



— Pourquoi t'es-tu fais attendre si longtemps, mon mignon aimé ?

— Oh ! tu sais que tu m'ennuies toujours avec tes demandes, tu es embêtante à la fin, ma chère...

Telle fut la réponse sèche, cinglante, que le morveux laissa dédaigneusement tomber de ses lèvres amincies et decolorées.

M.<sup>me</sup> Randeau baissa la tête timidement et embrassa une autre fois sur les yeux le *Dada*. Toute son impatience s'était accalmée devant la boutade de l'avorton.

Et lui, comme une parodie de sultan, s'étira de tout son long sur le divan de soie rose, prenant possession en maître et seigneur de ce boudoir de femme.

Heureusement ou malheureusement le capitaine anonymement prévenu ce jour là arrivait à temps pour surprendre cet amour grotesque de sa moitié et laissa le petit Chévert, le *Dada* à sa femme, plus insecte et plus mutilé qu'il ne l'était.

Il eût encore la suprême indulgence de laisser vivre ce simulacre d'homme pour lui faire apprécier au moins les fortes sensations de quelques coups de bâton.

Le croiriez-vous, M.<sup>me</sup> Randeau en est devenue presque folle. Depuis lors elle en veut à son mari à mort.

Et comme le *Dada* n'est pas décédé et se porte même un peu mieux depuis la bastonnade, elle continue de le voir avec la sollicitude d'amante et de mère qu'elle lui porte. Toute sa tendresse de femme mûre et savoureuse se porte vers cet avorton humain, qu'elle entoure de toutes les prévenances et de toutes les câlineries de son sexe.

Cependant elle ne le reçoit plus chez elle, dans son boudoir parfumé. Ils se voient dans une chambre garnie de quatrième, dont elle même paie le loyer ponctuellement, son *Dada* n'ayant pas le sou et dépensant le peu qu'il possède en médecins et en pharmacie, éternellement en proie à ses mille maladies.

## II

Ce quatrième étage était très triste et très nu. Quelques fauteuils dépareillés ouvraient lamentablement leurs bras joints et c'étaient, eux aussi, comme des infirmes qui attendraient le coup de grâce du sort.

M.<sup>me</sup> Randeau seule apportait un peu de vie au milieu de ces misères.

Elle arriva ce jour là toute ébouriffée, vêtue à la hâte, pâle d'émotion et l'haleine sifflante sous le poids de la colère et de la peur...



Le capitaine instruit de leurs nouveaux rendez-vous l'avait menacée dans la personne de son *Dada*. Elle s'était enfuie en courant le prévenir de ce nouveau danger. Son visage respirait une étrange beauté sous le feu de l'indignation, les yeux allumés comme des diamants.

Lui, Chévert, il restait tranquillement assis, dans son indifférence de blasé et d'idiot, n'ayant pas eu même un regard pour cette splendide femme qui l'idolâtrait et qui se mourait de le savoir en péril...

—Mais va-t'en donc, cria-t-elle à la fin, terrifiée de le voir aussi paisible, mon mari peut arriver d'un moment à l'autre.

—Bah ! j'aime autant en finir, grogna-t-il subitement, tu m'embêtes assez avec ton amour...

M.<sup>me</sup> Randeau éclata en sanglots, le supplia à genoux de partir pour échapper au capitaine, mais tout fut vain. Il resta inébranlable et dur, lui jetant des injures à la face et d'un geste grotesque de son bras desséché lui montra la porte.

A cette vue la folie du désespoir la prit, elle se cramponna de toutes ses forces au jeune homme, voulant l'arracher malgré lui de la chambre, le conduire, le cacher n'importe où, mais loin, très loin... Il se raidit et d'un effort suprême la repoussa brutalement.

Alors défigurée, livide, elle se précipita vers la fenêtre, l'ouvrit toute grande, et l'empoignant à bras le corps avec une force incroyable, sans qu'il put se défendre, son pauvre corps d'infirmes pris dans cet étau vivant, elle l'entraîna et d'un saut ils se ruèrent dans le vide...

Lorsque les passants les ramassèrent, Chévert vivait encore et survécut à la chute, mais plus mutilé et plus difforme que jamais, hideux.

Il avait les jambes cassées.

M.<sup>me</sup> Randeau était morte sur le coup et son corps ne formait qu'une bouillie affreuse. On n'a pas pu la reconnaître dans cet état. Le capitaine qui la croit partie avec Chévert s'en console facilement avec une grisette du voisinage qu'il trouve adorable. Elle est si blonde et si frêle... et c'est du neuf au moins !

JEAN ITIBERÈ.



# LYRA DE OURO

A DARIO VELLOZO.

Este conto, que hoje trago no ergastulo de uma dor latente, á apreciação do teo Nobre Espirito, illuminado pela luz resplandecente de bella psychologia, é a revelação de um facto, é uma d'essas paginas doloridas, que todos, uma vez ao menos na existencia, escrevemos em caracteres de lagrimas, no Livro Intimo, onde agonizam, na nevrose das desillusões, os bellos sonhos da nossa mocidade.

## I

Sylvia era extremamente bella, de uma belleza fina, diaphana, como o ceo de uns olhos azues. Muitas vezes, fitando-a, abstrahia-me longamente, como dentro de um sonho de volupia imaginaria, prezo aos seos olhos incomparaveis, indescriveis, cheios de um satanismo adoravel, de umas ternuras meigas de crepusculo.

A primeira vez que a vi, por uma d'essas manhans esplendidas, de festa, passava sonorizando o espaço, com o seo perfil cantante de mocidade, como uma estrophe fluidica de ballada, seguida de um cortejo de olhares que se genuflexavam deslumbrados.

O sol beijava-lhe apaixonadamente a fimbria do vestido, acariciava-lhe os cabellos de um castanho claro, e descia n'uma negligencia luxuriosa de fauno, amplexando-lhe o corpo artisticamente contornado, alagando-o de luz, como se não fôra bastante a luz intensa dos seos bellos olhos !

Altiva, conscia de sua maravilhosa belleza, habituada aos nescios applausos das multidões, ella, como Minerva, a deosa da sabedoria, passava indifferente, rhythmando canções na metrificação do seo andar, descrevendo parabolas de ironias em cada um dos sorrisos que, por vezes, n'um d'esses caprichos de momento, deixava cahir como prodiga esmola, aos maltrapilhos do amor, que lhe estendiam as mãos supplicantes.



## II

Passaram-setempos. Um dia encontrei Sylvia, novamente. Fitámo-nos, e o nosso coração despertou para o amor e para o soffrimento.

Desde então, a imagem angelica de Sylvia vive nos meos olhos, habita os meos sonhos, povoa toda a minha existencia.

Ah ! como é dolorosa a inflexibilidade do Destino, que nos arranca impiedoso a ultima illusão !

Sylvia, Sylvia, quando invoco este nome, da soturna thebaida da minha existencia, onde a desesperança, como livido anachoreta de sonhos mortos, chora a saudade d'aquelles tempos que não voltarão mais, nunca mais,— a minha agonia solitaria, estertora em convulsões de suicida.

Muitas vezes, a sós, refugiados no adyto do nosso amor immenso, esquecidos do mundo, onde a ferocidade invejosa do olhar dos homens envenena, erguimos no pedestal branco das nossas chimeras o dia venturoso do *amanhan*. Eu, prezo dos seos labios, escutava na compuncção de um extase, o somnambulismo de uma ventura ideal, as divagações da sua alma virgem das perfidas babujens humanas, cheio de um recolhimento intimo, fechado avaramente na experiencia negra que as decepções ha muito cavaram em a minha alma de vagabundo de todas as magoas, de libertino de todas as dores, da orgia rubra dos revoltados d'este fim de seculo nevropatha.

—«Sabe, disse-me ella n'um assomo de meiguice, estou trabalhando n'uma lyra bordada a ouro, para te offerecer no dia do teu anniversario; acceitas?»

—«Se não é uma ironia...»

—«A quem?»

—«A quem ainda não foi dado possuir, ao menos, uma lyra de bronze...»

Sylvia, mordeu os labios e baixou os olhos, amuada talvez do sorriso que acompanhara as minhas palavras.

## III

Fecho os olhos para não ver os homens, para esquecer a vida, peregrinando pelo maravilhoso paiz do sonho, e por meo pensamento aberto, como um cinerario de recordações, illuminado pela luz fulgurante de uns olhos de mulher, desfila em tropel ruidoso de marcha, o cortejo de esqualidos mendigos esfarrapados, mãos esqueleticas estendidas n'uma supplica humilde e muda, de esmola.



Eu os vejo passar, impiedado da lividez feral que se afivella no seo rosto, como mascarar exoticas, enojado das flôres de um roxo-gangrena, que sorriem pelos labios murchos das fistulas desabrochadas na epiderme d'esses phantasmas, n'um escorrimento de puz amarello de enxofre, phantasmas corporisados pela minha imaginação n'um momento longo de meditação tediosa.

Falam, eu os escuto attentamente, sem os comprehender; falam, n'uma lingoagem extranha, enigmatica, monosyllabando parabolae elegiacas, estertoradas como suspiros, no prolongamento de uma agonia dolorosa.

—«Quem sois?» interroga o coração, n'um arrepiamento de susto.

E os mendigos passam, silenciosos e lentos, espectraes, como quem regressa do hospital dos impressionados da magoa, dentro de uma tristeza de convalescente, sem comprehender a lingoagem do coração.

E me fico, com os olhos do pensamento abertos, na bestialisação agra e contemplativa de uma illusão fanada, amarfanhando as ultimas syllabas do epitaphio infernal que o implacavel mephistophelismo do Destino vinculara na minha alma, em caracteres de lagrimas de sangue.

Sylvia, partira para longe, para muito longe, levada pela familia, que vir na pureza immacula do nosso amor, os grotescos preconceitos sociaes por terra, esmagados e desprezados.

Na vespera da partida, um cartão laconico de Sylvia, me dizia n'uma caligraphia tremula: «Parto, voltarei?» Esta resolução encheo-me de anciedade. Afflicto, o coração paralyzado n'uma serie de presentimentos, os meos olhos viram, a minha alma sentio toda a profundidade da mágoa que a ilhava.

Mas, o laconismo do cartão começou de me despertar um sentimento de revolta. Ella que, dias antes, me escrevera uma carta, tão longa, tão deliciosa, tão cheia da brancura ideal dos seus sorrisos de estrella, carta que era a profissão de fé do mais supremo dos amores, onde me dizia cheia de carinho, a par de tanta cousa bella, beijando as palavras, acariciando as phrases, na espontaneidade das suas emoções, que já tinha começado a trabalhar na lyra, na lyra bordada a ouro, que me promettera para o dia do meo anniversario!

E partira, sem que eu pudesse beijar-lhe as pequeninas mãos, feitas de jaspe e de rosa!

Abro os olhos; junto á minha meza de trabalho, n'uma immobildade de estatua, o perfil d'uma mulher, esculpturalmente



bella delineia-se n'uma nitidez pavorosa, mãos apoiadas sobre uma lyra que refulgia esbatida pelas resteadas do luar, que se debruçava do parapeito da janella aberta do meo gabinete. Fitava-me profundamente, insistentemente, como que interrogando, na mudez funerea dos seus olhos de tumulto, aureolados do pungentivo violetamento das insomnias, o mysterioso silencio de terror que se espalhava pelo meo semblante de galé da tortura.

Palpei-a, tremulo, sem que os meus labios se descerrassem n'uma palavra.

Insensivelmente, meus olhos fecharam-se de novo, chumbados, cheios de indizivel pavor. Quando despertei dessa extranha catalepsia, somente o silencio, o silencio pavidó que succede aos momentos tragicos das grandes indecisões, espalhava-se por meo gabinete, n'um ruido, como o que conserva a concha quando repete a *nostalgia da vaga*.

Sonho, não, não foi sonho; eu sinto ainda a rigidez das carnes d'essa apparição mysteriosa, vejo a feérica expressão dos seus olhos de abysmo, ouço no torbilhonar anarchico das minhas ideias os fremitos, de uma suavidade funebre, da lyra de ouro que o luar tangia. Não, não foi sonho; foi uma realidade com todo o seu cortejo negro de maldições: diz o meo coração paralyzado; e o coração é o propheta das grandes desgraças.

## IV

Ergui-me do leito, onde passei a noite, procurando illudir as minhas magoas e os meus presentimentos na minha propria illusão, como quem procura na dor conforto para a propria dor. Ao descerrar a janella da sala, a tarja negra de um envelope deteve-me.

Um miserrimo anonymo, desses que constituem quasi que a totalidade dos homens, azoragueava, nessa carta o meo infortunio a golpes de ironia e de sarcasmo, noticiando-me, numa lingoagem escorxante, sifflada de pilherias, a morte da mais divina de todas as mulheres.

Sylvia não resistira ao exilio a que fôra submettida por seus paes; morrera, sem que ao menos me fosse dado lhe cerrar os olhos!

Fôra Sylvia, a vencida gloriosa pela morte, que, como a mythologica deosa da poesia, passara por sobre os destroços do castello de minhas meditações, amplexando estreitamente ao peito vazio, onde outrora cantara um coração formoso, uma lyra de ouro, bordada sobre o azul de um velludilho de seda,



fitando-me muito; e até agora sinto toda a algidez daquelle olhar de morta, flechando o silencio do deserto da minha existencia. Com Sylvia se foi a tranquillidade da minha alma.

Por toda a parte, quando os meos olhos, cansados, das vigílias, buscam repouso na contemplação, a lyra de ouro, como um pesadello crusciantes, passa pelo cosmorama das minhas pupilla, numas fulgurações de apotheose infernal. Eu a vejo sempre, deslizar ante os meos olhos, numa lentidão de remorso impiedoso, na melancholia dos crepusculos, no firmamento azul. As irradiações do sol formam uma extranha lyra; nos meos livros, na tira de papel onde ora escrevo, ella solennisa-se numa austeridade de brazão. Tenho-a no ouvido, ouço-lhe o fremito quasi imperceptivel, como o bater de azas de insecto; tenho-a nos olhos, vejo-a eternamente, como um anathema sombrio pezando na minha imaginação. A lyra de ouro! Vejo-a em toda a parte. E, nesta videncia allucinada, fujo para longe; viajo: nada! ella segue-me como a sombra segue o corpo, como o remorso segue a consciencia criminosa.

Invoco Satan, o autocrata senhor do paraizo infernal; chamo-o supplico-lhe que me escute; elle surge aos meos olhos, num ruido de metaes que se chocam, sobraçando uma lyra de ossos, em chammas.

Perambulando pelas ruas, alta noite, os meos olhos vêem no deserto da treva, como, numa téla immensa, nuvens esgarçando-se; e, ao fundo, numas aurifulgencias de ouro velho, avulta uma lyra, que augmenta, cresce e multiplica-se em milhares de lyras, que estremecem e trinam na sotornidade profunda de canto de aves agoureiras.

E o coração, na atra cellula do peito, ulula, no desespero de uma loucura suprema.

Ouço lyras, tangidas no silencio da noite, na mysteriosa invizibilidade das sombras, lyras que soluçam elegias funerarias, como coração que rezasse o *dé-profundis* das lagrimas, nas exequias de uma esperanza morta.

LYRA DE OURO: a invocação perpetua de um passado esquecido no sepulchrario de uma desillusão!

JULIO PERNETTA



## RESPIGAS

42 — Á Foz DO IGUASSÚ, por Muricy. Edição da *Impressora Paranaense*, Curitiba, 1896.

A' gentileza dos Srs. Jesuino Lopes & C.<sup>a</sup> — incansaveis e laboriosos livreiros desta Capital, que tanto vão fazendo pela divulgação da litteratura no Paraná, — devemos a agradável leitura da *Viagem á Foz do Iguassú*.

O delicado e intelligente payzagista, auctor do opusculo, sabe tão magistralmente colorir as telas que nos apresenta, que nos sentimos vibratilizados de extranhas emoções sadias ao percorrer com elle longos trechos de matagaes extensos, aonde se sente o estuar do grande mysterio da Natureza victoriosa.

O Sr. Muricy interpreta com nitidez e brilhantismo o extraordinario segredo dos sertões primitivos; e dá-nos o tom exacto das florestas virgens.

De amena leitura, a *Viagem á foz do Iguassú* traz, alem da descripção do itinerario, tão attrahente e pittoresca, — preciosos dados a respeito da flora e fauna daquella zona do Estado, tão rica e tão pouco explorada ainda.

Oxalá que o palpitante opusculo do Sr. Muricy mereça a attenção daquelles que amam conhecer a formosa terra paranaense, e sirva de estímulo e exemplo a outros distinctos excursionistas que têm palmilhado as nossas florestas e sertões.

Acompanha o opusculo uma nitida gravura, tambem sahida das officinas da *Impressora Paranaense*, copia de um desenho do Tenente Edmundo Barros, — o illustre e querido artista das *Indistinctas*, — lhano e adoravel camarada, companheiro de excursão do Sr. Muricy. A gravura representa os saltos de *Santa Maria*, no Rio Iguassú, — aquelles mesmos saltos a que, por certo, se refere Ayres do Casal, quando, em sua *Corographia Brazilica*, escreve: «O que neste rio (Iguassú) se encontra de mais notavel, alem da derradeira catadupa, he o chamado *Funil*, no centro do paiz, onde corre rapidamente apertado por entre ribanceiras de rocha talhada a pique com forma de huma rua de mediana largura.» Junto a esses saltos existio outrora a



aldeia de Sancta Maria, cujas ruinas vetustas talvez assignalem, ainda hoje, a passagem dos jesuitas e o soffrimento dos nossos heroicos selvagens...

Damos parabens ao sympathico auctor da *Viagem á foz do Iguassú*, pela bella tentativa em um genero litterario, infelizmente tão descurado entre nós, — esperando que nos proporcione reiteradas vezes o prazer de sua prosa communicativa e delectavel.

13—ALMANACH PARANAENSE, para 1897. 2.<sup>o</sup> anno. *Edictores Proprietarios : Jesuino Lopes & Comp.<sup>a</sup>*. Organizado por José Gonçalves de Moraes. — *Officinas a vapor da Imprensa Paranaense*, Curitiba, 1896.

Enviou-nos a Imprensa Paranaense um exemplar de seo *Almanach*, para o anno vindouro. Publicação necessaria, publicação indispensavel, o *Almanach Paranaense* se recommenda pela variedade dos assumptos e abundancia de informações, — graças á bôa vontade e deligencia de seo organisador, — o sr. José Gonçalves de Moraes, — e ao infatigavel heroismo dos Edictores proprietarios, que se não pouparam labores para que o *Almanach* continuasse a brilhante serie encetada o anno passado.

Compõem as diversas partes do *Almanach* as seguintes secções :

— *Biographia do Dr. Dias da Rocha Filho*. Vem acompanhada de um suggestivo retrato, nitidamente impresso, trazendo aquelle cunho especial e gracioso que o Sr. Henrique Isnardo, — gravador da *Imprensa*, — tão bem sabe dar a seos trabalhos.

Bella justiça esta que o *Almanach* vae prestando á memoria daquelles que procuraram trazer á sociedade uma nota exemplar e digna, e rolaram, alfim, exauridos, para a grande noite consoladora, para o caricioso regaço da Morte.

Bella justiça ! A homenagem prestada hontem ao Coronel Dulcidio, a homenagem prestada hoje ao Dr. Dias da Rocha Filho são de um genero tão alevantado, tão grandioso que nos emociona e commove. E' necessario que alguém recorde ao povo os seos mortos queridos, os seos homens de merito. E desta missão vae brilhantemente se incumbindo o *Almanach Paranaense*.

— *Kalendario*.

— *Festas nacionaes*.

— *Mezes do anno*.



—*Pessoal administrativo.* Este trabalho se recommenda aquelles que dezejam conhecer os nossos funcionarios publicos e bem assim o pessoal Federal, Militar e Ecclesiastico, residente em Coritiba.

—*Colonisação.* Historico da Colonisação neste Estado. E' trabalho esse que faz honra a seo auctor e se destaca entre as diversas secções do *Almanach*.

—*Parte Litteraria.* Talvez demasiadamente abundante e variada. Se bem que a mor parte dos *Almanachs* nacionaes tenham, a par de alguma cousa notavel, uma litteratura de fancaria, — e haja, portanto, pessimo exemplo neste genero de publicações,—quizeramos, comtudo, que o *Almanach Paranaense* fosse uma bella recommendação para a nossa litteratura, tão desconhecida ainda, e tão sacrificada sempre.

Sabemos a difficuldade com que se luta para obter boa collaboração litteraria nesta graciosa terra Paranaense ; sabemos que os nossos escriptores,—por bem justo e comprehendido orgulho,—esperam ser solicitados por convite para abri-lhantaras publicações litterarias ; ha, porem, que uma carta circular dirigida a cada um delles obviaria o inconveniente, e teria o *Almanach* selecta collaboração especial, inedita em sua quasi totalidade,—ficando desse modo vedada aos escaravelhos das lettras a entrada do *Almanach*, e recommendadas vantajosamente as nossas lettras em outros centros do Paiz.

Ainda bem que, como um ramo de oliveira, primaveril e symbolico, algumas distinctas e intelligentes jovens trouxeram o clarinante concurso de sua adoravel intelligencia ás paginas do *Almanach*, emprestando á parte litteraria o delicado e delicioso aroma de almas candidas e aristocratas, desabrochadas para a suprema e purificadora sagração da Arte num feerismo de notas femeninas e ternas, ritualmente suaves e transparentes.

O Cenaculo guarda carinhosamente o nome de todas,—limpidos astros serenos que ora despontam fulgentes e mansos — e de todas seguirá a trajectoria no horizonte da Arte, prompto a applaudil-as sempre, prompto a render-lhes sempre o preito da mais alta justiça,—pois que as sente consoladoras e victoriosas, illuminando de uns tons puros de luz muito branca o immenso azul fanado e brumoso deste fim de seculo de desespero e de duvida.

Hade permittir o illustre e criterioso organizador do *Almanach*, a quem consagramos respeitosa admiração e estima, e cujos dotes intellectuaes tão justamente apreciamos, estas breves considerações que fazemos á parte litteraria.



As nossas palavras não exprimem outro desejo, senão o de ver devidamente recommendada a litteratura paranaense, em prol da qual também pugnamos, e na qual o Sr. J. Moraes occupa invejavel logar.

Longe de nós o affirmar que a parte litteraria do *Almanach* seja infima e mediocre; para recommendal-a, basta o nome de seo organisador; bastam os nomes das talentosas jovens que o illustram; bastam os nomes de Emiliano Pernetta, Emilio de Menezes, Domingos Nascimento, Leoncio Correia, Edmundo de Barros, Julio Pernetta, João Itiberé, Silveira Netto, Rocha Pombo, Albino Silva, Romario Martins, Sancta Rita e Sebastião Paraná.

Desejariamos, porem, que o Sr. José Moraes escolhesse de preferencia os trabalhos mais modernos dos auctores que adornam o volume, dando-nos, por exemplo primorosos sonetos de Antonio Braga, — o passional poeta, assaz brilhante; de Azevedo Macedo, cuja formosa intelligencia tanto se tem aprimorado desde 1891.

— *Paraná Industrial*. Trabalho primoroso, indispensavel, acima de toda e qualquer recommendação.

— *Tabella de Impostos*.

— *Telegrapho*.

— *Deligencias*.

— *Estrada de Ferro*.

— *Tabella de Cambio*.

E, como dissemos, util publicação, indispensavel, que faz honra ao Paraná, ao seo distincto organisador e á Impressora Paranaense.

Parabens.

Falta absoluta de espaço inhiibe-nos de referir, como haviamos promettido, ás brochuras que nos foram enviadas, o que faremos em a primeira oportunidade. Alem das já registradas em o fasciculo de Outubro, recebemos as seguintes:

+ *Promptuario das Leis Federaes*, pelo Dr. Carvalho de Mendonça; — *A intervenção e a doutrina de Monroe*, do mesmo auctor; — *A Historia e a Legenda*, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva; -- *Os meos brinquedos*, por Figueiredo Pimentel; — *Cecy*, de Jayme Ballão; — *A' Memoria de Carlos Gomes*, pelo Dr. Claudino dos Santos; — *Relatorio da Eschola de Bellas Artes e Industrias do Paraná*, pelo Sr. A. Mariano de Lima.